

Um sistema retórico para chamar de seu

Desde que me foi lançado o doce e gentil convite para a elaboração deste texto de abertura, parei de dormir. E isso aconteceu simplesmente porque me perguntava sobre o que dizer num breve texto de abertura de um livro que, justamente, discute, em dezoito instigantes capítulos, o bem dizer, a arte de falar. Como apresentar um livro, que tem como tema justamente o encantamento pela palavra, sem passar vexame em rede nacional, correndo o risco de ser cancelado, pisoteado, arroxado em praça pública? Cheguei a pensar num Fidel, num Luther King, num Ghandi, num Churchil, num Rui Barbosa para me socorrerem, mas desejei mesmo, neste momento, e bem baiano brasileiro, ser um Patativa do Assaré ou um Luís Gonzaga, talvez um Lirinha, ou mesmo um Mano Brown, quiçá um Rosa, uma Hilda, uma Lee, um Chico (César / Science / Buarque de Holanda). Tanto faz.

Ser-me-ia útil também, e sem nenhuma dúvida, a verve de um Jô, o sarcasmo de um Duvivier ou a ânsia do escrevinhador apaixonado de uma carta perfumada e sincera de amor. Na falta disso tudo, socorrer-me-ia, ao menos, a singela beleza ecoada por aquelas cirandas de nossa infância, daquelas que grudam nos nossos ouvidos, remetendo-nos a nossos mais cândidos dias, com direito a olhos marejados de reminiscências. Eis um pouco do *espírito retórico* que me vem à mente. Capelinha de melão...

Agora ficou fácil de entender as minhas insanas noites insones.

Embora o risco de passar vexame seja ainda um perigo bem real, sou resiliente, palavrinha da moda, de muito gosto. Em fim de contas, e sem ter muito a quem apelar, olhei para um lado, olhei para outro, respirei fundo e pensei, num ato nada retórico e desesperado: copia e cola um monte de citação e pronto! Ou usa o chat GPT (aliás, um dos temas de um dos textos da coletânea ora apresentada) para tentar me livrar dessa enrascada. A primeira e engenhosa ideia parecia o crime perfeito: trazer citações grandiloquentes de filósofos insofismáveis que discorressem sobre a história da retórica até nossos dias para, por meio de autoridades supremas, impressionar o leitor incauto, assim como fazem aqueles adolescentes com espinhas aparentes ao citarem, nas redações do ENEM, Bauman, Beauvoir ou Sartre (tanto faz), Schopenhauer (SIC), além de tantas outras munições retóricas

que sempre causam boníssima impressão ao longo de uma exposição digna de um sistema retórico *fast food*, germinado em redes sociais, infestado de *influencers* que, por incrível que pareça, arrebanham *likes* e capitalizam votos, dinheiro, poder e muita, muita ignorância arrogante. Fiquemos atentos e não subestimemos a nova Ágora, gestada nas falsas notícias e desprovidas de qualquer apelo ético. Mas sobre isso conversamos depois.

Voltando ao que discutíamos, o apelo ao discurso de autoridade, já *habitué* das redações do ENEM, surtiria zero efeito neste prefácio, pois, além de pregar para convertidos, por causa do tal auditório, que é para lá de especializado e conhece melhor do que ninguém coisas de *taxis, lexis, exordium, inventio, elocutio, docere, delectare, actio, hypocrisis* e outras esquisitices eufônicas, soaria até redundante porque os dezoito capítulos desta coletânea retraçam já um ótimo percurso histórico, sobretudo no que concerne à *Dispositio* e à *Elocutio* (mas não só), duas das clássicas partes do sistema retórico apreçoado por Aristóteles. Nesse sentido, basta dar uma espiadela nos quadros ilustrativos que se encadeiam ao longo das leituras, muito caprichados, bem elaborados e resumidos. Ali temos, por exemplo, um quadro com organização da *dispositio*, outro com esquema de desdobramento do gênero epidítico, outro que detalha elementos da *elocutio* (estilo, objetivo, prova), mais um sobre estilo retórico (*grave, tenue, medium*) entre outros, a partir de exemplos advindos de nossos dias, do nosso cotidiano. Mas nem se anime, leitor, pois não ficarei a dar *spoiler* (outra expressãozinha da hora). E quanto ao segundo plano perfeito, isto é, apelar para o GPT, nem me fale, porque quando falo em retórica falo em postura ética, logo, tive de contar comigo mesmo e minhas noites insones para dar conta desta árdua tarefa de prefaciá-lo um livro.

Num fugaz momento de paz, num domingo à noite, e tendo eu desistido da ideia de desistir de escrever este texto, percebo, diante dos meus olhos, que algo quase epifânico estava se desenhando diante de minhas retinas. Ao zapear despreziosamente por canais que assino e nem sei por que assino, deparei-me com um programa já bem conhecido, mas que, francamente, nunca tinha observado em detalhes. Por anos, já tinha visto, certamente, relances desse programa; já tinha ouvido falar, mas de fato nunca tinha me submetido a tal experiência espectral. Não há dúvida de que eu estava diante de um acontecimento retórico. Na falta de coisa melhor para fazer naquela noite desoladora de domingo, quando dei por mim tinha assistido a dois episódios da versão americana do tal programa. Na verdade, achei curioso observar aquela encenação seguindo a mesma trilha dos capítulos aqui apresentados, isto é, olhar para o mundo que nos cerca e tentar compreender os tentáculos retóricos que o constituem, entre disposições e elocuições.

Antes de dar nomes aos bois, vou descrever rapidamente o programa e veremos se a nobre leitora e o nobre leitor adivinham sobre qual programa estou a falar. O interessante é que, de fato, depois de ter decidido trazer esse programa para ilustrar este texto de apresentação, me dei conta de que ali o ponto central é a persuasão, e não a convicção, isto é, o convencimento. A partir desta reflexão,

nenhuma dúvida de que estamos no território da retórica. Para mim, no entanto, é bizarro me deter nessa dicotomia (persuasão vs convicção), porque sempre defendi que tal separação (emoção vs razão) é, em fim de contas, arbitrária. Em qualquer mergulho na literatura acerca dos estudos retóricos e da argumentação, sempre achei um tanto quanto fluida a dicotomia entre os termos “persuadir” e “convencer”. De modo geral, estabeleceu-se que a diferença mais notável entre persuasão e convicção é que a primeira (persuasão) se relaciona mais diretamente com a ideia de emoções e, por isso – e seguindo uma concepção amplamente difundida acerca do território das emoções – liga-se à ideia de irracionalidade; já a segunda (convicção) estaria mais associada à ideia de racionalidade, de razão. Assim, a persuasão se espalharia pelo universo das relações corriqueiras, cotidianas, mas seria banida, por exemplo, do mundo jurídico ou acadêmico; ao passo que a convicção estaria mais associada ao mundo do racional, aí excluído o mundo da arte, das paixões etc.

O fato é que, refletindo sobre o programa, depois que decidi comentá-lo neste breve texto, percebi que ali consegui reparar, mesmo que de forma desprezível, os dois lados daquela moeda (persuasão vs convencimento), muito embora eu não esteja aqui a defender essa clássica dicotomia. De fato, os produtos que vi serem consumidos ali foram somente aqueles que tocaram de verdade o cliente, seja por um gesto, um detalhe, um lapso, um descuido, um desafino desatinado, mas que traziam algo de sedutor, de persuasivo. Ponto para o território da emoção. Em suma, veio-me a lembrança a cena da animação *Ratatouille*, quando o crítico gastronômico fica hipnotizado ao provar a comida simples que lhe era servida (o prato francês *ratatouille*) ao ponto de mudar de opinião sobre as habilidades culinárias do esquisito *chef* que lhe servira o simples assado de legumes. A persuasão (e não a convicção) teve papel fundamental ali (tanto na animação cinematográfica quanto no programa que ora descrevo), visto que nenhum produto foi consumido sem que, antes, tivesse havido um olho marejado e que tivesse gerado uma *disposição à ação*, isto é, a compra do produto.

E a que programa eu assisti, em fim de contas? Imagine uma situação em que você, em território estranho, precisa desesperadamente vender o seu produto sob o risco de sucumbir. No entanto, apenas argumentos bem construídos (o lado “razão/convicção” da coisa) não são suficientes para consagrar a venda, porque se você não for capaz de fazer os olhos do cliente brilharem, como nos fazem aquelas cirandas da infância, o seu produto não será escolhido de jeito nenhum. Eu mesmo vi serem fulminados dois vendedores que desfilaram os melhores argumentos, talhados numa *dispositio* invejável, ao longo de uma *actio* irretocável. Os compradores do produto à venda solenemente ignoraram e literalmente deram as costas para os vendedores saltitantes, que, apesar de cantarem, dançarem e sapa-tearem, atiraram-se na lagoa Rodrigo de Freitas e morreram afogados. Aliás, essa última referência é uma alusão a dois dos capítulos desta coletânea que analisam o poema de Manuel Bandeira, *Notícia de jornal*, para discutir desdobramentos

da *dispositio*, num primeiro caso, e da *elocutio*, no outro. Arrisco-me a dizer que naquela encenação testemunhei uma comunhão de espíritos ou algum outro movimento retórico. Naquele palco a razão foi fulminada, dando lugar à emoção às cegas. Os jurados queriam ser persuadidos, não convencidos. Qualquer boa voz (ou “bom argumento”) literalmente soaria inútil ali, caso não viesse revestida por uma pitada de puro coração.

Emanuelle Danblon (2012), num instigante artigo, fala em empatia cognitiva, via “neurônios espelhos”, isto é, um encadeamento que nos leva a “sentir juntos” ou “cossentir”, num empreendimento retórico. Ali, ao retomar o conceito aristotélico de *sunaisthesis*, isto é, a capacidade que se tem de “sentir o mesmo que o outro”, Danblon dá fôlego novo à empoeirada dicotomia razão vs emoção, mostrando que a retórica tem muito ainda a compreender no que concerne à ideia de “comunhão de espíritos”, dessa vez no campo da Biologia (envolvendo sobretudo estudos em cognição) e da Psicologia, sem simplesmente associar “convencimento” a “razão”, mecanicamente, como se isso explicasse grandes coisas. No programa que ora comento, pude observar de que forma A leva B a “sentir o mesmo que” e, numa forma de conexão neuronal, A e B cossentem algo que culminará, a partir de toda uma encenação retórica, numa *ação* bem-sucedida, isto é, a venda de produto ou a classificação do candidato cantante e brincante para a próxima fase do *game*: “This is The Voice”, diz o jingle-chiclete de abertura do programa.

A tentativa de ilustração de uma relação retórica que claramente envolve gestos de persuasão, a partir do programa *The Voice*, o qual tropeçadamente acabei de esboçar, nos ajuda a refletir sobre o *sistema retórico*, para além da lente dos antigos gregos ou clássicos latinos, que já deram enorme contribuição tão-somente por terem existido e alimentado nossas reflexões. Desnecessário aqui discorrer sobre as contribuições de um Heráclito, por exemplo, que desenvolveu uma visão agonística da realidade dando vazão ao pensamento dialético, lançando a semente da boa discórdia que frutifica na arena retórica e argumentativa. Desnecessário é, ainda, retrazarmos um fio do tempo que alinhe antigos e clássicos, desfilando e rememorando os *blockbusters ethos, pathos, logos*. Não precisamos aqui restabelecer toda a ladainha da retórica apostólica romana, ou seria grega? Aliás, e falando em gregos e romanos, bem sabemos que para uns (os gregos), a ideia de retórica estava mais afeita à ideia de entrecruzamento de pontos de vista, paixões, interesses e desinteresses; para os romanos tinha mais a ver com a *performance* oratória. A grande verdade é que não há unanimidade nem sequer na categorização do próprio sistema retórico, pois *dispositio* e *elocutio*, apenas para citar dois breves casos emblemáticos, embora estejam sempre próximas, interpenetrando-se, no fio dos tempos, nem sempre carregam unanimidade acerca de suas funções no seio do próprio sistema retórico.

Em verdade, em se tratando de estado da arte, é sempre complicado seguir uma linha reta e clara do tempo, visto que não existe um sistema retórico universal. Eu diria que cada época tem um sistema retórico para chamar de seu. Não

podemos ficar catalogando situações retóricas usando etiquetas de cinco séculos antes de Cristo, com vistas a meramente classificar. O conhecimento adquirido ao longo dos tempos, desde os fundadores gregos, apenas nos ajuda a tentar enxergar *hoje* nossa realidade. Desse modo, de nada adianta usar o nome de Aristóteles em vão se não adaptamos o nosso olhar em nossas análises. Tomemos, apenas como mero exemplo, o conceito de *ethos*. Hoje, esse conceito tem sido desdobrado e problematizado para além da conceituação inicial aristotélica, sobretudo na seara das inúmeras análises de discurso. Isso significa que, ao falarmos de *ethos*, é preciso, inicialmente, deixar claro os meandros e entrelugares de tal conceito, para que se possa compreender de fato sobre o que se fala. Em suma, precisamos dar um *upgrade* nos conceitos e olharmos para os dias de hoje, problematizando de frente para trás, e não de trás para frente. Isso não significa abandonarmos os clássicos, mas partirmos deles, sem nos limitarmos a eles.

Em realidade, se em vez de sempre começarmos nossas análises pelos conceitos apregoados pelos gregos, os iniciadores de tudo, veremos que muitos de nossos contemporâneos desnaftalinizaram com êxito muito do que apenas repetíamos por respeito à tradição ou talvez, e pior, por mera condescendência indolente. Nesse sentido, de frente para trás, como não pensar nas contribuições de Michel Meyer, por exemplo, ao afirmar que retórica é a “negociação da distância” (2008) entre as pessoas acerca de uma questão? Ou mesmo no intrépido e provocativo Marc Angenot, o qual sustenta, em seu monumental ensaio, que a retórica é um grande “diálogo de surdos” (também 2008) e que, em fim de contas, ninguém persuade ninguém? Isso sem desconsiderarmos a importância do Tratado, em que Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca problematizam a limitação dos lugares aristotélicos (*topos*), propondo outros, como os da quantidade, da qualidade, da ordem, do existente, da essência, da pessoa e por aí vai.

Voltando ao tal programa de auditório, claro ficou que os prováveis *coachs* dos aprendizes de cantores só giram a sua cadeira para conhecerem o candidato se são *seduzidos* pela voz sem rosto, uma vez que se trata de audições às cegas. Ali o jogo retórico é claro: só ganha quem persuade ou, no mínimo, estabelece alguma conexão neuronal, ou, em termos mais técnicos, só consegue um técnico capaz de levar o candidato para a próxima fase do *game* o aprendiz que consegue dar densidade dramática à música escolhida. O que me chamou a atenção ali é que não se trata de escolher simplesmente “A Voz” mais bonita (ou o “argumento” mais bem construído), mas, tão-simplesmente, a voz que consiga *docere*, *delectare* e *movere*, como deve fazer um bom orador.

Obviamente, naquele palco, o candidato não profere literalmente “argumentos” como faz o advogado numa tribuna, mas ele tem o dever de arquitetar, reconstruir, reposicionar, esticar e puxar a música que irá cantar. Não é mero trabalho de reprodução, mas de criação, de elaboração. Ali, naquela plateia, janela de um grande auditório, o candidato precisa exordiar, dramatizar, narrar, reforçar ou refutar mensagens e perorar... tudo em 3 minutos. Qualquer semelhança com as partes

da *dispositio* não é mera coincidência. Tudo ali se funde numa densidade tal que possa cooptar os técnicos ouvintes ciosos de um noviço rebelde que lhes emocione, sobretudo porque a *dispositio* não é mera questão de lógica, como bem sabemos.

Na breve experiência dominical que vi e vivi, ouvi vozes incríveis serem refutadas simplesmente porque os tais *coachs* se recusaram a retornar suas cadeiras na direção dos agonizantes candidatos, justificando em seguida que não selecionaram o candidato x ou y porque, apesar de a voz ser boa e tecnicamente sólida, não lhes trouxera nada de novo (*docere*), não lhes agradara (*delectare*), nem tampouco lhes comovera (*movere*), apesar de serem belas vozes, repletas de “bons argumentos”. Logo, a *performance* naquele palco não é, de jeito nenhum, mera *actio*, visto que outras dimensões do sistema retórico se esboçaram ali, tudo meticulosamente orquestrado. Foi assim que, olhando de cima para baixo, suspenso como um drone, me dei conta de que a peleja daqueles candidatos, pobres e desesperados vendedores de sabonete, nada mais é do que um *ato retórico*, heroico, estoico ou quantas mais palavras terminadas por -oico se possa encontrar. Ali, os pobres candidatos, que lutaram desesperadamente para que uma cadeira se virasse em sua direção, só precisavam, em fim de contas, vender um sabonetezinho.

Especificamente acerca da *elocutio*, reparei, naquelas *performances* buliçosas, que os candidatos precisam deixar uma assinatura na sua atuação. Desse modo, fica fácil perceber que em vez de cantar tecnicamente bem, o candidato precisa cantar de forma a provocar algo. Aliás, uma máxima entre os retóricos é que só se expressa com clareza quem pensa com clareza. E esse rifão cabe naqueles três minutos de agonia, pois, já o dissemos, a busca ali não é da melhor voz, mas da voz mais clara, franca, honesta, mesmo que não traga a melhor qualidade técnica. E já que estamos falando em clareza, por fim é preciso deixar claro que não podemos colocar a *elocutio* na mesma gaveta do *estilo*, uma vez que a elocução representa a *mise en langue* dos argumentos (Plantin, 2016, p. 516), o que, em outras palavras, representa o cuidado com o tom que se deve impor ao que se tem a dizer, e não somente ao “som” ou qualidade da voz, o que corresponderia a mera *ação* oratória. Na *elocutio*, mais do que os decibéis eventuais, considera-se a *clareza* da mensagem, como já o dissemos, e ainda, e sobretudo, a adaptação da mensagem às circunstâncias sociais da enunciação dentre outras qualidades.

Encaminhando-me para o final, e não podendo deixar de cumprir o papel de aprendiz de prefaciador, preciso lançar algumas palavras sobre os textos que compõem este belo trabalho, problematizador da tradição, que vem dividido em dois blocos: o primeiro dedicado à *Dispositio*; o segundo à *Elocutio*. No entanto, abstenho-me de comentar cada texto, sob o sério risco de transformar este prefácio em uma resenha, o que nem de longe é a minha intenção. Que o leitor leia e tire suas próprias conclusões. Tenho a acrescentar, somente, que cada capítulo vale a leitura porque a obra traz uma coesão temática admirável. Eu mesmo tomei várias notas e aprendi bastante com cada proposta de análise. O grande mérito desta obra, de ponta a ponta, é a inovação na problematização e a tentativa de

diálogo teórico, sem subserviência, sempre focado em um caso concreto, seja um texto literário ou mesmo um clássico, um vídeo, uma oração. Nesse sentido, todos os textos do primeiro bloco focam efetivamente na *dispositio* e desdobramentos, olhando para “sapatas, brocas, baldrames, colunas e vigas do edifício textual”, como nos é apresentado logo no primeiro texto. Ali, no primeiro bloco ainda, olha-se para o proêmio, para epiquiremas, para “efeitos retóricos da fragmentação”, para o paralelismo quiasmático da obra lucana, para particularidades da disposição nas orações, para a *dispositio* no gênero *live* e para os recursos retóricos (ex. *taxis*) aplicados à motivação à leitura no poema em prosa na poesia de Manuel Bandeira.

Por fim, o segundo bloco, dedicado à *Elocutio*, também traz enorme versatilidade ao lançar um olhar para textos *heterogêneos*, tentando estabelecer um diálogo voltado para aspectos retóricos do discurso. Nesse sentido, temos vários entrecruzamentos entre retórica e literatura (Vinícius, Quintana, Bandeira), entre retórica e música a partir da análise de textos de Gil e Glória Groove; entre retórica e o Chat GPT; Tribunal da Inquisição, com foco na sorte de Menocchio, o moleiro e Galileo Galilei, além de vídeos motivadores do *TikTok* e cartas abertas que se posicionam sobre a descriminalização do aborto.

Como vemos, o trabalho apenas começou. Agradeço mais uma vez o convite para abrir este livro e espero nos vermos por aí, sempre com os olhos bem abertos para questões de retórica e argumentação. Falando em olhos, vou ali, cochilar um pouco, em busca do sono perdido. Um forte abraço.

Rubens DM

Referências

ANGENOT, Marc. **Dialogues de sourds** – Traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et une Nuits, 2008.

DANBLON, Emanuelle. La rhétorique ou l'art de pratiquer l'humanité. **SEMEN – Revue de sémio-linguistique des textes et discours**. N. 34, Texte, discours, interactions. Nouvelles épistémologies, 2012.

MEYER, Michel. **Principia Rhetorica** – une théorie générale de l'argumentation. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2008.

PLANTIN, Christian. **Dictionnaire de l'argumentation** – une introduction aux études d'argumentation. Lyon: ENS Éditions, 2016.

